

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										A pólis e suas necrópoles, as cidades dos mortos.	Jul / 2014
labeca	1 de 11										

HIRATA, E. F. V.

2014. A pólis e suas necrópoles, as cidades dos mortos.

S.P. Labeca, MAE-USP. [revisão Labeca]

Os gregos antigos viviam, em sua grande maioria, em assentamentos compostos de dois espaços especializados: uma área mais densamente ocupada, onde estavam localizados, além das casas, edificações de uso público e espaços de reunião, como a ágora e outra de ocupação mais esparsa, onde os campos eram cultivados, a pecuária, a caça, a extração de madeira eram desenvolvidos. Estes dois espaços constituíam a cidade grega antiga, a pólis, e neles os gregos moravam, trabalhavam, cultuavam seus deuses e se encontravam para discutir os assuntos comuns, para disputas esportivas, festividades, enfim, para viver sua vida de uma forma grega.

A cada um destes espaços os gregos davam um nome: a área central chamavam ásty e ao seu entorno agrícola-pastoril, khóra. Em muitas pólis a ásty foi cercada por muros e a circulação e o acesso das pessoas indo e vindo da khóra era feita por vários portões localizados nos muros de forma a facilitar a movimentação de pessoas e o transporte de produtos. A presença do muro não significava uma separação entre a ásty e a khóra mas sim um elemento de defesa tendo em vista que as pólis gregas viviam guerreando umas com as outras.

Mas de início uma questão se coloca: como sabemos disso?

O estudo do mundo grego antigo se faz por meio de documentos que chegaram até nós de forma fragmentária mas que são estudados por especialistas – historiadores, arqueólogos, filólogos, antropólogos dentre outros – e assim trazem muitas informações sobre o que era a forma grega de viver. O conjunto de fontes documentais é variado, indo dos vestígios dos espaços ocupados, dos objetos, das construções, aos textos e às imagens que aparecem em vasos, pinturas murais, relevos.

Neste texto buscaremos mostrar o que conhecemos e como chegamos ao conhecimento das formas como os gregos tratavam os seus mortos. A documentação que dispomos para isso são os próprios cemitérios, abrangendo nesta categoria desde os restos esqueléticos até tudo o que acompanhava o morto, o mobiliário funerário ; referências textuais que falam sobre os rituais realizados por ocasião de uma morte e as imagens dos vasos cerâmicos ou pinturas parietais que retratam momentos destes rituais.

	<p>A pólis e suas necrópoles, as cidades dos mortos.</p>	<p>Jul / 2014</p>
<p>labeca</p>		<p>2 de 11</p>

As necrópoles

Na visão de mundo das comunidades gregas antigas também os que morriam deveriam ser colocados em um espaço especial, afastado dos espaços da vida cotidiana e onde seriam lembrados e celebrados pela família e pelos amigos. Os arqueólogos o chamam de necrópole, palavra que em grego significa a cidade dos mortos.

As escavações realizadas em sítios da Grécia Balcânica (como Micenas, Argos, Atenas, Delos), da ilha de Creta, de pólis das áreas mediterrânicas por onde os gregos se assentaram como Siracusa na Sicília, Metaponto no sul da Itália, Ólbia Pontica, nas costas do Mar Negro, Cirene, no norte da África, dentre tantas outras, vem demonstrando que alguns traços, como a localização, eram relativamente comuns às necrópoles do mundo grego. Nas pólis estruturadas espacialmente as necrópoles situavam-se, em geral, um pouco afastadas da área de habitação e fora da área amuralhada, definindo-se assim, zonas especializadas para os vivos e para os mortos, assim como, também aos deuses reservavam-se espaços que se tornavam sagrados. Em algumas necrópoles, como em algumas áreas sagradas, eram colocados dispositivos para a delimitação dos espaços como muros ou pedras.

As sepulturas variavam em tamanho e forma em função das cidades onde se localizavam, da época em que eram construídas e de acordo com quem seria ali sepultado. No mundo grego são documentadas tumbas individuais e coletivas, tumbas muito simples formadas apenas por uma cavidade no chão ou na rocha e outras dotadas de dispositivos arquitetônicos elaborados. A posição do corpo também variava, alguns eram colocados estendidos, outros fletidos em muitas posições (de lado, joelhos dobrados para um lado ou outro). Havia enterramentos, em geral de crianças, em que os corpos eram colocados em vasos cerâmicos como os pithoi (grandes jarros destinados também ao armazenamento de víveres); em caso da chamada cremação secundária, os ossos e cinzas eram recolhidos e colocados em vasos cerâmicos ou de bronze e enterrados com as oferendas funerárias.

As sepulturas eram sinalizadas pela presença de um montículo, um vaso, uma lápide ou uma construção mais elaborada dependendo, como já foi dito, do local e da época. As imagens dos vasos cerâmicos são uma fonte importante para o conhecimento das sepulturas.



Imagem 1: Sepultura em cista com esqueleto em posição estendida. Spatafora,



Imagem 2: Sepultura em cista com esqueleto em posição estendida com oferendas. Spatafora, 2010: 34.



Imagem 3: Oferendas encontradas em uma incineração secundária em urna no início do século VI a.C. na tumba 65 na Caserma Tukory em Palermo. Spatafora, 2010: 43.

Os artefatos que acompanhavam o morto – o mobiliário funerário – também variavam de pólis a pólis e de época a época : em princípio tudo que existia nas casas poderia ser ofertado, desde a tigela de barro, passando por adereços e pertences pessoais de todo tipo, instrumentos de trabalho, armas e assim por diante. Havia uns poucos objetos cujo fabrico destinava-se exclusivamente ao contexto funerário, como é o caso do lécito (vaso cerâmico para verter líquidos) pintado com o fundo branco e que exhibe cenas funerárias em sua maioria.



Imagem 4: Lécito de fundo branco ático, grupo R. Datando de 410 a. C. Altura de 48 cm. Atenas, Museu Arqueológico. Lizarrague, 1999: 122.

	A pólis e suas necrópoles, as cidades dos mortos.	Jul / 2014
labeca		5 de 11

As escavações arqueológicas das necrópoles vêm trazendo muitas informações sobre as populações que habitavam as pólis: a análise dos esqueletos pode indicar a idade, o sexo, a dieta e as doenças que vitimavam esses indivíduos; o arranjo dos restos mortais na sepulturas e os objetos que os acompanhavam levam a hipóteses sobre as formas utilizadas pelos gregos no tratamento dos mortos, indícios de diferenças de tratamento entre os grupos sociais, de idade e sexo.

Assim, em um exemplo muito simplificado, a escavação de um cemitério pode sugerir uma hierarquização social se o arqueólogo documenta, em uma parcela pequena dos enterramentos da área, a presença de objetos denominados de prestígio - ou seja, aqueles feitos de materiais raros ou caros ou/e com técnica muito elaborada - ou mesmo objetos comuns em grande quantidade. Pode-se, a partir dessa disparidade entre os enterramentos pensar na concentração de riqueza entre poucos indivíduos ou famílias.

O estudo dos restos esqueléticos podem indicar, por exemplo, que os objetos mais valiosos estavam mais presentes em sepulturas de homens, mulheres ou crianças. O desgaste nos dentes pode indicar carências na dieta ou doenças, calcificações em ossos podem sugerir recomposição após fraturas, enfim, os trabalhos com os restos mortais podem revelar situações individuais ou coletivas.

As práticas mortuárias

É importante frisar, desde já, que as pólis eram comunidades políticas relativamente independentes, com suas próprias leis e com formas particulares de praticar a religião, cuidar dos mortos, realizar suas festividades, enfim, *de viver sua vida da forma grega específica que haviam construído* em sua trajetória histórica. Entender o regionalismo das práticas sociais é um elemento - chave para compreendermos o cotidiano dos antigos gregos.

As práticas mortuárias usuais presentes nas necrópoles gregas em todos os períodos são a inumação e a cremação.

A **inumação** – é a deposição/enterramento do cadáver em uma sepultura composta de uma fossa simples (por vezes escavada na rocha) ou em cista, revestida de lajes de pedra nas laterais e coberta ou não por outra placa. A posição do corpo variava e a presença ou não do mobiliário funerário também dependia das mesmas variáveis. No mundo grego são registradas também as inumações em vasos reservados, em geral para indivíduos muito jovens, crianças ou fetos. Eram usados recipientes de argila ou mais raramente, de bronze.

A **cremação** é o rito funerário em que o morto é incinerado, seja em uma pira ou então, mais raramente, na própria sepultura .

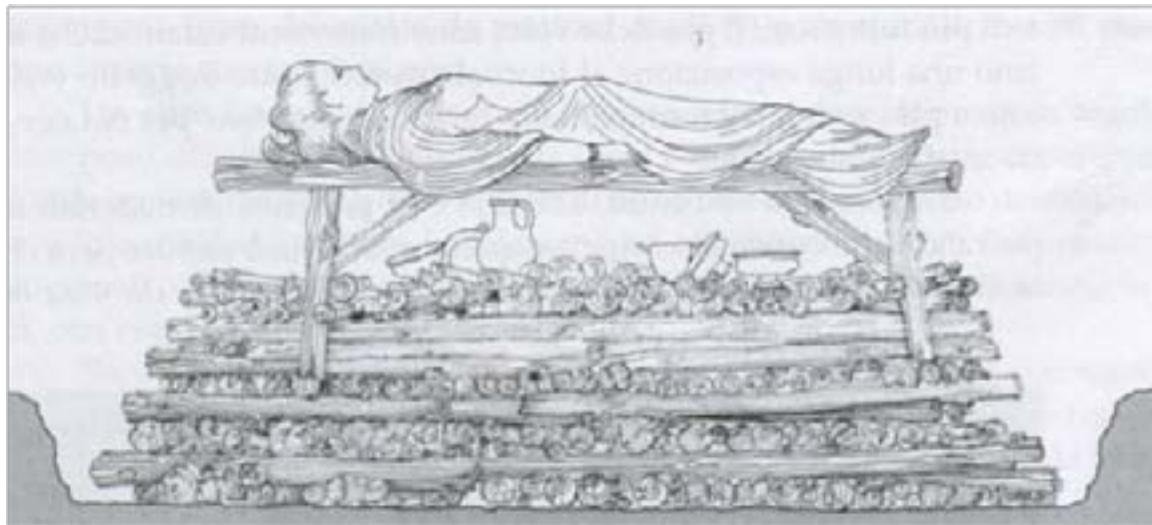


Imagem 5: Reconstituição de uma pira. Spatafora, 2010: 70.

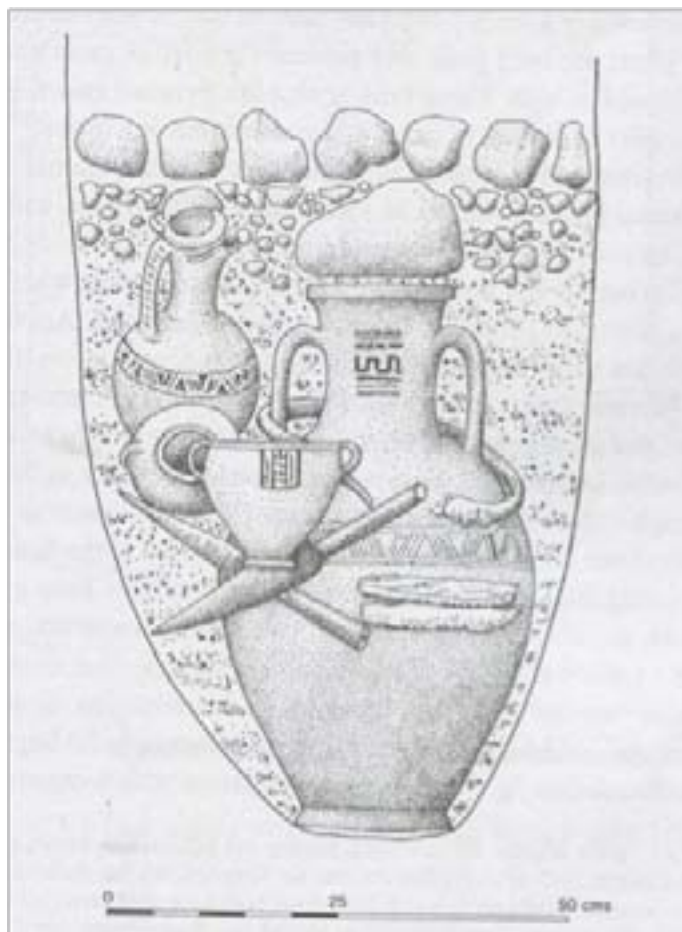


Imagem 6: Vista seccional de um enterramento após cremação. Areópago, Tumba de Guerreiro D16.4. Atenas, século VIII (?). Whitley, 2001:93. Fig. 5.8.

	A pólis e suas necrópoles, as cidades dos mortos.	Jul / 2014
labeca		7 de 11

No caso da cremação primária o cadáver era estendido na própria tumba em uma plataforma de lenha e incinerado juntamente com o mobiliário funerário, em seguida o conjunto era recoberto de terra.

Quando se trata da cremação secundária após a incineração do cadáver em uma pira, ocorria o recolhimento das cinzas e ossos em um vaso cinerário e no enterramento deste em uma fossa com as eventuais oferendas.

Como apontamos acima, as práticas mortuárias variaram de cidade para cidade e, em uma mesma cidade, estes costumes também sofreram mudanças no decorrer do tempo, do processo histórico. Assim, em Atenas, as escavações das necrópoles das áreas denominadas Cerâmico e Areópago que dispõem de sepulturas que cobrem praticamente todos os períodos da história da Grécia permitem afirmar que, na Ática, nos séculos 12 e 11 predomina a inumação e nos seguintes, 11 e 10, a cremação passa a ser a prática dominante; a partir daí, durante o período arcaico, as duas formas de enterramento convivem e apenas no século 4 a inumação volta a predominar. No Peloponeso, a inumação predomina entre adultos e crianças durante o período arcaico e na Erétria, na mesma época, adultos são cremados e crianças inumadas.

As explicações para as mudanças das práticas funerárias em uma pólis, em diferentes períodos, são muito difíceis de determinar. Em geral os arqueólogos permanecem no campo das hipóteses. Um caso excepcional, em que os dados textuais foram a fonte principal para explicar as mudanças detectadas no registro arqueológico merece ser citado: a diminuição importante do volume e custo das oferendas e das construções das sepulturas na Atenas democrática do século 4 a.C. estaria relacionada a uma lei sancionada na época, para coibir a ostentação nos rituais funerários.

Em outro contexto, na pólis de Siracusa, na Sicília, os gregos vindos de Corinto, ao se estabelecerem na nova terra, alteram sua prática tradicional de enterramento, passando da inumação em posição contraída para a inumação em posição estendida. Duas hipóteses tem sido aventadas: tal mudança tanto poderia ser a vontade de diferenciar sua prática daquela das populações locais que usavam a posição contraída para inumar seus mortos, quanto poderia ser uma forma de marcar uma identidade independente, siracusana, ou seja, explicitar sua autonomia frente aos costumes coríntios.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<p>A pólis e suas necrópoles, as cidades dos mortos.</p>	<p>Jul / 2014</p>
<p>labeca</p>	<p>8 de 11</p>										

O ritual funerário

A superfície dos vasos cerâmicos, no mundo grego, constituía-se em um espaço privilegiado onde os pintores inscreviam, por meio de imagens, registros e mensagens de todo tipo sobre o cotidiano e a visão de mundo dessas populações. Em uma sociedade de limitado acesso à escrita, as imagens eram o principal meio de comunicação: já se afirmou que Atenas – e podemos ampliar para as pólis em geral - era uma cidade das imagens.

O mundo da morte aparece em representações figuradas e, juntamente com os textos permitem uma apreciação de momentos capitais do ritual funerário, um ritual de passagem como os que pontuavam o nascimento, a chegada à vida adulta, o casamento, ou seja, as ocasiões em que ocorriam mudanças importantes na vida dos indivíduos. Estas passagens extrapolavam a dimensão individual e envolviam a comunidade, cuja participação reiterava os laços de identidade, reafirmava e legitimava a nova posição do indivíduo na sociedade.



Imagem 7: Detalhe de um lécito de fundo branco ático de 48 cm datando de 450 a.C. Pintor das inscrições. Museu arqueológico de Atenas. Lizarrague, 1999: 121.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<p>A pólis e suas necrópoles, as cidades dos mortos.</p>	<p>Jul / 2014</p>
<p>labeca</p>	<p>10 de 11</p>										

A cena representada nesta ânfora registra o momento da exposição do morto – a prothesis, em grego - a lamentação, expressão da dor e do luto pelos parentes e amigos por meio de um gesto característico: elevar as mãos em direção à cabeça. Podemos observar a figura do morto deitado e ladeado pelos demais que o pranteiam dessa forma. Logo abaixo vemos um carro puxado por cavalos que indica, em sequência, o momento do transporte do falecido à necrópole, ao mundo dos mortos, onde será inumado ou cremado. A transferência do defunto, chamada pelos gregos de ekphorá, do convívio com os vivos para o espaço dos mortos, registra a sua nova condição na comunidade.



Imagem 9: Detalhe da parte figurativa da mesma ânfora. A imagem representa uma cena de prothesis. Foto: Paris, Giovanni Dagli Orti. Holtzmann, 1998: 60.

	<p style="text-align: center;">A pólis e suas necrópoles, as cidades dos mortos.</p>	<p style="text-align: right;">Jul / 2014</p>
<p>labeca</p>		<p style="text-align: right;">11 de 11</p>

Referências Bibliográficas:

FLORENZANO, M.B.B.

1996. Nascer, viver e morrer na Grécia antiga. São Paulo, Editora Atual.

HOLTZMANN, B.; PASQUIER, A.

1998. Histoire de l'art antique: l'Art grec. Manuels de l'Ecole du Louvre. Paris: Ecole du Louvre.

LISSARRAGUE, F.

1999. Greek Vases. The Athenians and their images. Riverside Book Company.

NEVES, W.

2014. Um esqueleto incomoda muita gente. Campinas, Editora Unicamp.

SPATAFORA, F.; VASSALO, S.

2010. L'ultima città: Rituali e spazi funerari nella Sicilia nord-occidentale di Età arcaica e classica. Palermo, Convento della Magione, 30 aprile 2010. Regione Siciliana. Assessorato dei Beni Culturali e dell'identità siciliana, Dipartimento dei beni culturali e dell'identità siciliana.

WHITLEY, J.

2001. The Archaeology of Ancient Greece. Cambridge: CUP.